

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA CADEIA DE PRODUÇÃO DA AMÊNDOA DO CACAU NO EIXO PARAENSE DA TRANSAMAZÔNICA¹

Celso Luis Rodrigues Vegro²

Roberto de Assumpção³

José Roberto da Silva⁴

1 - INTRODUÇÃO

Os anos 1960 aceleraram as transformações na agropecuária brasileira. Nesse período, são internalizados de modo paulatino alguns elementos constituídos na chamada II Revolução Industrial (GONÇALVES, 1999). A quimificação, a mecanização e a genética aprimorada passam a compor o arsenal de inovações que foram introduzidas nas explorações produtivas rurais. Adicionalmente, o estado desenha um leque de ações que oferecem amparo financeiro e garantia de renda que, praticamente, direciona o processo de transformação do agro brasileiro.

Concomitantemente, o País vivenciou trajetória muito similar aos centros mais adiantados no quesito urbanização e dinâmica populacional. Ao final do século XX, marca-se a virada do perfil geográfico brasileiro em que a parte majoritária de sua população passa a se concentrar no meio urbano. Ademais, as mulheres assumem participação relativa no mercado de trabalho similar a dos homens; eleva-se a expectativa de vida e as taxas de natalidade sofrem inflexão, assim como o tamanho das famílias. Conjuntamente, tais fenômenos promovem reestruturação da inserção mercantil dos sistemas agroalimentares no desenvolvimento econômico brasileiro.

A oferta de produtos e serviços vinculados à alimentação, bebida e vestuário (destacando apenas os mais relevantes) tem acompanha-

do essas transformações observadas nas dimensões tecnológica, social, econômica e ambiental. A cadeia de valor se adensa, tendo na agroindústria seu principal motor indutor e sustentáculo.

A posição da agroindústria dentro das cadeias de produção agrícolas é privilegiada, na medida em que nesse agente econômico repousam os principais encadeamentos a montante e a jusante dos sistemas agroalimentares. A montante, seu poder indutor na estruturação e organização dessas cadeias pode ser demonstrado pela formidável transformação experimentada pelo segmento agroindustrial de abate de aves. A carne de frango que até a década de 1960 era quase que exclusivamente alimentação para pacientes hospitalizados, no espaço de pouco mais de uma geração, tornou-se um dos principais produtos da pauta exportadora do País. Esse salto foi possível graças à estratégia de integração horizontal capitaneada por transnacionais. Outros exemplos, tão ou mais dinâmicos que o mencionado, podem ser relacionados, como as cadeias de oleaginosas; sucroenergético; suco cítrico; tabaco; celulose; carne suína; café; fibras têxteis; e, mais recentemente, carnes bovina e suína.

A crescente complexidade das cadeias produtivas agroindustriais torna relevante a exploração de temáticas como a da competitividade sistêmica (SOUZA; PEREIRA, 2006). Sob esse enfoque englobam-se temas como: governança (predomínio de fluxos horizontais); coordenação (predomínio de fluxos verticais) (FARINA, 2000; ZYLBERSZTAJN, 2000); indução de processos inovativos (pautados por aprendizados de busca e seleção) (NELSON; WINTER, 1982); imposição de padrões (qualidade/certificados); dependência e interdependência entre os agentes econômicos (existência de contratos); apropriação de margens entre agentes econômicos (SOUZA FILHO; GUANZIROLI; BUAINAIN, 2008); e reflexos do processo decisório, de-

¹Cadastrado no CCTC, IE-12/2014.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: celvegro@iea.sp.gov.br).

³Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: rassumpção@iea.sp.gov.br).

⁴Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: jrsilva@iea.sp.gov.br).

correntes do ambiente institucional organizado (BRONZO; HONÓRIO, 2005).

A aplicabilidade dessas hipóteses teóricas tem sido conduzida em diferentes contextos e organizações agroindustriais. A cadeia de negócios, representada pela amêndoa de cacau, não se constitui em exceção, porém com frequência de análises inferior frente a outros segmentos, justificando o esforço empreendido.

O cacau tem por origem botânica a região amazônica. Durante o longo período colonial, a coleta dos frutos e a separação das amêndoas foram incentivadas pelo interesse comercial português. Todavia, com o decorrer do tempo, esgotou-se esse padrão extrativista e a cacauicultura somente retornou como atividade econômica relevante na Amazônia na segunda metade do século passado (SILVA NETO et al., 2001).

Em 1972, por meio do Programa de Integração Nacional (PIN), realizou-se o levantamento pedológico da área de influência da Transamazônica, entre Estreito e Itaituba numa extensão de 1.180 km, ao longo da rodovia, e 10 km para ambos os lados nos travessões (FALESI, 1972). Neste trabalho foram mapeadas as manchas de solos eutróficos aptos para o cultivo do cacau com elevada resposta produtiva.

Com a implantação do Programa de Diretrizes para Consolidação da Cacauicultura Nacional (PROCACAU) em 1976, a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) pretendia recolocar o Brasil na liderança da produção mundial. Para tanto, mapearam-se aproximadamente 100 mil hectares de solos propícios para cacauicultura. No trecho da Transamazônica paraense, compreendido entre Brasil Novo, Medicilândia e Uruará, foram levantados em torno de 85 mil hectares de terras roxas eutróficas estruturadas. Para apoiar o programa, implantaram-se na Estação de Medicilândia, campos de produção de sementes híbridas de alta produtividade e resistência às pragas e doenças e serviço de fomento com insumos modernos e colocados a preços de custo. Aliado a isso contratou-se quadro de pessoal de elevado nível técnico entre pesquisadores, extensionistas e administradores.

Desde que as lavouras fossem instaladas em solos de média e alta fertilidade natural, os colonos adentrantes nesse território constataram empiricamente que havia potencial para o cultivo do cacau. Disso resultou o surgimento e

consolidação de “ilhas cacaueiras” cercadas pela pecuária extensiva⁵.

O potencial paraense para a cacauicultura foi confirmado por Lima Silva et al. (2013), que analisaram a evolução dos dados de 1990 a 2010, constatando que a taxa geométrica de crescimento anual de indicadores dessa lavoura no Pará foi: 2,70% (produção), 1,49% (área) e 1,20% (produtividade). A mesma taxa calculada pelos autores para os dados da Bahia resultaram em: -4,49%; -0,83% e -3,69% respectivamente (Figura 1).

O Censo Agropecuário de 2006 estimou produção de 199 mil toneladas de amêndoa de cacau no Brasil, obtidas em área cultivada de 516 mil hectares, resultando em rendimento médio de 386 kg/ha (IBGE, 2009). Atualmente, estima-se produção nacional próxima de 248 mil toneladas, advindas do Pará, 64 mil toneladas, e da Bahia 155 mil toneladas (IBGE, 2013).

Entre 2009 e 2013, o Brasil tem participado do comércio internacional da amêndoa de cacau tanto na posição de importador como de exportador. Diferentemente dos demais produtos da pauta do agronegócio brasileiro, os produtos elaborados (de maior valor agregado) dominam a pauta exportadora (cacau em pó, chocolate e suas preparações, manteiga/gordura e óleo de cacau e pasta de cacau) enquanto nas importações prevalecem as aquisições de amêndoa de cacau inteira e partida (Figura 2).

Em 2013, as importações dos produtos de cacau superaram as de cacau inteiro e partido, evidenciando mais uma faceta da perda de competitividade generalizada pela qual atravessa a indústria brasileira. Nos oito primeiros meses de 2014, essa tendência se manteve, com importações de produtos de cacau somando US\$140,2 milhões e cacau inteiro e partido com US\$107,5 milhões MAPA (2014).

Ao tomar o Estado do Pará em suas diversas porções, Lima Silva et al. (2013) mostraram que o denominado sudoeste paraense, recorte que abrange a região estudada, apresentou taxa de crescimento da produção de 5,04%,

⁵Ações capitaneadas pela CEPLAC foram decisivas na formação e consolidação dessas “ilhas” cacaueiras tanto no Pará como em outros estados da região amazônica.

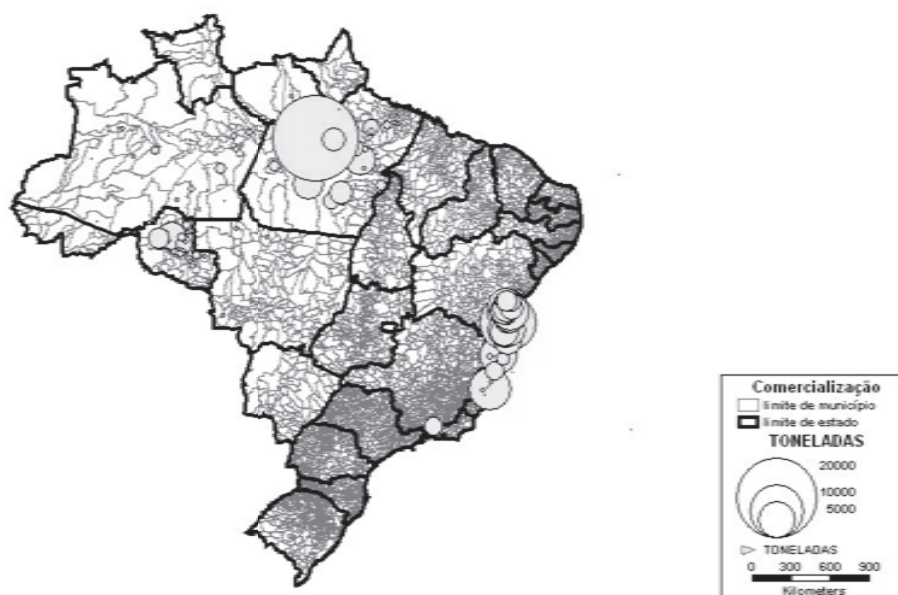


Figura 1 - Produção Municipal de Cacau, Brasil, 2012.
Fonte: IBGE (2012).

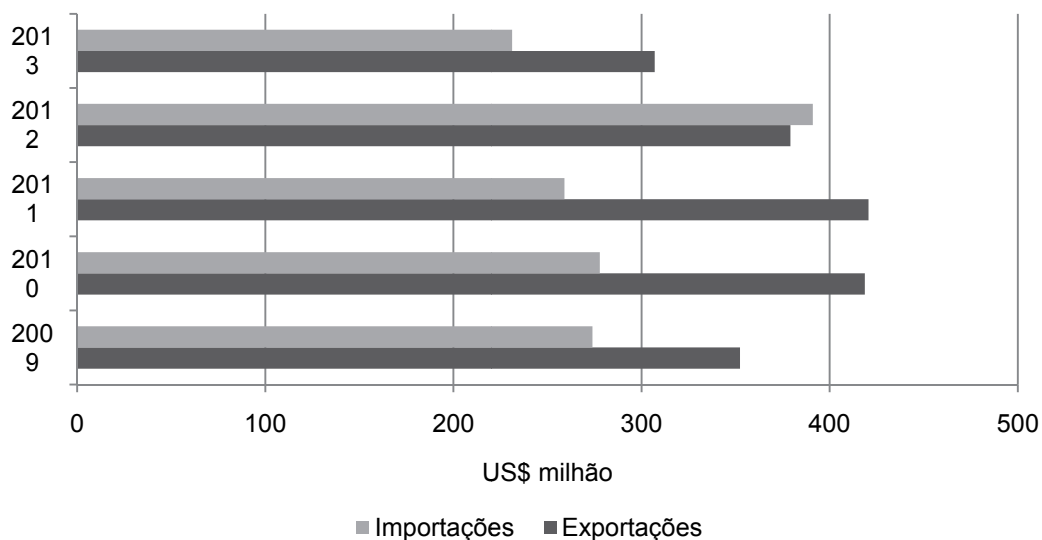


Figura 2 - Balança Comercial do Cacau e seus Produtos, Brasil, 2009 a 2013.
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos do MAPA (2014).

de 4,27% para a área colhida e de 0,74% para a produtividade. Desponta o município de Medicilândia como aquele de maior destaque na produção de amêndoa (Figura 3).

A cadeia de produção de amêndoa de cacau no eixo paraense da Transamazônica avança no sentido de consolidação (FERREIRA,

2013). Com colheita entre 80 e 90 mil toneladas de amêndoas, o estado ocupa a vice liderança no *ranking* brasileiro na oferta desse produto, embora lidere no quesito produtividade com 806 kg/ha (CEPLAC, 2011).

Os segmentos que compõem a cadeia produtiva da amêndoa de cacau no Estado do

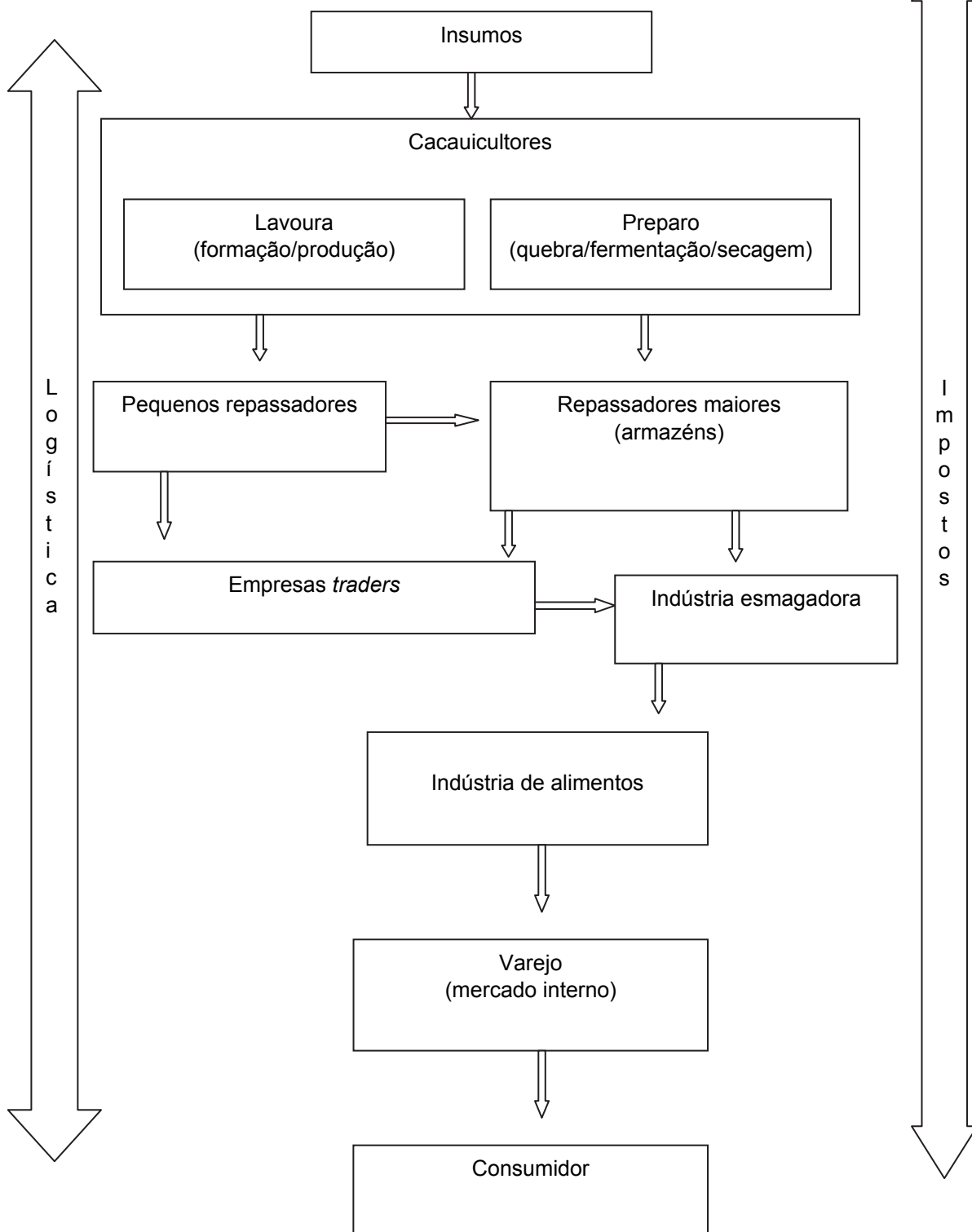


Figura 4 - Fluxograma da Cadeia de Produção da Amêndoa do Cacau no Pará.
Fonte: Dados da pesquisa.

(fabricação e distribuição do chocolate). Pretende-se traçar diagnóstico crítico do funcionamento e obstáculos para consolidação e expansão dessa cadeia.

3 - METODOLOGIA

O mapeamento da cadeia produtiva do cacau no eixo sudoeste paraense da Transamazônica buscou caracterizar os agentes econômicos em termos de: estratégias, condutas (cooperação e concorrência) e desempenho. As entrevistas foram desenvolvidas com emprego da técnica de construção de mapas mentais durante a interlocução com gerentes de armazéns pertencentes à rede de suprimento das grandes transnacionais processadoras de amêndoa, pequenos intermediários e líderes cooperativistas.

As entrevistas foram facilitadas por extensionistas que atendem a cacauicultores situados na microrregião de estudo. Ademais, esses técnicos possuem prestígio entre os repassadores, cooperativas e armazéns agroindustriais, o que em muito facilitou o agendamento dos encontros.

4 - RESULTADOS

Os negócios envolvendo a amêndoa do cacau são diversificados, tendo em vista tanto as necessidades da lavoura (insumos) quanto os interesses comerciais envolvidos. Antes da porteira, a pesquisa conduzida pela CEPLAC é sem dúvida o aspecto mais relevante no fortalecimento desse cultivo em território amazônico. A distribuição de sementes melhoradas (híbridos) e de estacas clonais, associada a rol de pesquisas (agronômicas/ambientais) e de serviços (previsão de safras, acompanhamento das cotações), torna a instituição ímpar no apoio à lavoura.

A comercialização da amêndoa destina-se, em geral, para os chamados repassadores. Trata-se de armazenadores (pequenos, médios e grandes) com longa tradição na compra e venda de cacau, operando a intermediação do produto para os compradores finais, representados, no País, por duas esmagadoras transnacionais que competem sob forma de oligopsonia

pelo mercado mundial do produto.

Os repassadores não são necessariamente especializados no comércio de amêndoa de cacau. Pode haver a compra e venda de café, pimenta-do-reino, cereais (arroz, milho e feijão) e farinha de mandioca (produto essencialíssimo na dieta paraense). A lógica do negócio é a mais primária da dinâmica capitalista, comprar barato para vender caro, após acrescentar alguns poucos serviços de rebenefício (assopração dos ciscos e homogeneização do teor de umidade).

Devido às dificuldades logísticas (física e financeira), os repassadores estabelecem rotas de recolhimento da produção, constituindo para a consecução desse objetivo frota de veículos (*pickups* e pequenos caminhões), sendo a manutenção desse parque seu maior dispêndio. Os cacauicultores comercializam mediante pagamento à vista, transformando os repassadores em agentes de crédito à produção local.

O circuito de valorização desse tipo de capital (comercial) amplifica-se mediante o desmerecimento do produto, valendo-se de critérios subjetivos. Nas entrevistas com os atuantes nesse mercado (pequenos armazenadores, grandes compradores e esmagador), o atributo conferido à amêndoa desse cinturão amazônico era o de refugo. Não há uma classificação pela qualidade, mas seleção negativa pautada pelos defeitos⁷. Tal estratégia adequa-se ao padrão de atuação desse tipo de capital, permitindo-o comprar mais barato. Enquanto persistir essa modalidade depreciativa de classificação e, portanto, de formação local dos preços recebidos pela amêndoa, dificilmente pode-se imaginar trajetória de capitalização/emancipação econômica dos cacauicultores.

A necessária fermentação das amêndoas recém-colhidas (após a quebra do fruto) é exigência da pós-colheita com qualidade, especialmente quando o destino do produto é a indústria de chocolate/confeito. Todavia, em razão da disputa pela matéria-prima entre compradores (repassadores/agroindústria), essa etapa foi suprimida, pois a estratégia comercial prefere amêndoas não fermentadas do que nenhuma amêndoa ou amêndoa importada.

⁷Nesse sentido aproxima-se daquilo que também ocorre com o mercado do café verde.

Assim, não se escorrega para o exagero considerar a impingida classificação de refugo, como resultado da estratégia de concorrência intercapitalista.

Todavia, nas entrelinhas dos depoimentos dos entrevistados, mencionou-se a reputação da amêndoa paraense granjeada no Salão Internacional do Chocolate de Paris⁸. Ademais, todos, sem exceção, percebem na froteira amazônica o principal vetor para a produção cacaueteira nacional, sendo portanto o mercado mais dinâmico para o produto (onde se realiza efetivamente o valor que movimenta a indústria e o comércio).

A formação de preços das *commodities* agrícolas possui grande aderência com as cotações negociadas nas bolsas internacionais. Pode-se demonstrar, econometricamente, esse mecanismo (MARGARIDO; GHILARDI; OLIVEIRA, 2011), contudo, iniciando-se pelo desmerecimento imputado arbitrariamente; seguido pelas dificuldades de logística e pelo frete até a Bahia ou São Paulo e acrescentando o lucro do repassador, transferia-se, à época do levantamento, menos de 50% da cotação da amêndoa praticada pelo mercado para o cacauicultor paraense.

A atividade comercial do repassador possui seus riscos, pois não são raros os casos de colapso econômico desses intermediários. Estabelecendo vínculos financeiros⁹ com os cacauicultores, são emprestadores de última instância, ou seja, aqueles a quem o cacauicultor recorre quando, por problemas climáticos ou de outra ordem, não têm satisfatória produção e precisa penhorar a próxima safra. Sem a devida formalização desses “negócios” e cobrando juros bem acima do mercado, pode ocorrer o não pagamento ou apenas amortização parcial por parte do(s) cacauicultor(es). Dependendo da magnitude dos atrasos e não pagamentos, a que-

bra é inapelável.

O desejo de se estabelecer como empreendedor e a hipercompetitividade pelas amêndoas (o Brasil é importador líquido) favorecem a estratégia de eliminar seus concorrentes por meio da antecipação financeira sobre o valor do produto da futura colheita. Na verdade, é alto o risco do negócio de repasse. Por sua vez, os intermediários (grandes companhias transnacionais) são os maiores beneficiários dessa competição entre repassadores, pois compram amêndoa sem o risco de não a receber, diferentemente daqueles que se encontram na linha de frente de compra do produto.

A especialização econômica regional tem se refletido entre os repassadores. Antes o negócio tinha no cacau seu carro chefe, ladeado tanto pelo café quanto pela pimenta-do-reino e pela farinha de mandioca. Atualmente, porém, esses agentes caminham no sentido da especialização na compra e venda da amêndoa, detectando-se declínio nos demais ramos de negócios. Tal constatação acrescenta instabilidade econômica à produção de valor na região, pois se passa a depender dos humores do mercado financeiro globalizado, que forma suas expectativas para a economia sem qualquer vínculo com as atividades produtivas ou a oferta de ocupações.

O repasse maior (armazém central) normalmente se estrutura por meio de rede de sub-repassadores¹⁰. As filiais são o embrião da ruptura da própria rede que se pretende implantar, pois não é incomum o preposto se arvorar para a posição de repassador maior e se tornar competidor daquele que primeiro o abrigou.

Variações na taxa de câmbio, obstáculos operacionais e obtenção de elisões tributárias podem gerar maior ou menor interesse das esmagadoras pela amêndoa paraense, provocando oscilações em suas cotações. Ademais a intensa concorrência interempresarial pelo produto instabiliza a formação dos preços, prejudicando o planejamento de longo prazo necessário para lavoura permanente.

Os cacauicultores teriam como alternativa sua mobilização visando a organização de entidades destinadas a tratar da comerciali-

⁸Primeiro lugar entre os chocolates *gourmet*, preparado a partir de amêndoas extraídas de cacaueteiros ancestrais. O ponto de fusão do subproduto (manteiga de cacau), obtido apenas das amêndoas paraenses, agrega qualidade ao chocolate delas produzido.

⁹E também de compadrio, adiantamento físico de insumos (defensivos, calcário e fertilizantes), construção de cochos e estufas, mediante endividamento. Na atual fase do desenvolvimento do capital, o avanço em direção à plena financeirização é o “Santo Graal” procurado por qualquer agente econômico.

¹⁰Em um dos casos entrevistados, o quadro de sub-repassadores somava mais de 20 indivíduos prepostos na linha de frente de compra da amêndoa.

zação. Ao final da última década do século XX, autoridades do Governo Federal estimularam a criação de cooperativas em municípios lindeiros à Transamazônica e, por meio delas, repassaram recursos para as ações prioritárias. Não foi processo iniciado pela horizontalidade entre os pares, mas, ao contrário, imposição vinda de fora exclusivamente para operar as transferências. Resultado não poderia ser outro senão a malversação de recursos, o enriquecimento de alguns e a manutenção do estado de penúria daqueles que deveriam ser os favorecidos pelo política pública. Desse histórico, resta a mancha sobre o cooperativismo que, atualmente, por vontade de poucos, procura-se ressuscitar.

Na busca de alternativas econômicas para o contexto da sobre-exploração do trabalho familiar, surgem os nichos de mercado. A amêndoa orgânica oriunda de produção sustentável é das mais promissoras. Todavia, não se produziu ainda arquitetura financeira que conceda amparo à iniciativa. Os cacauicultores de amêndoa orgânica aguardam entre 90 e 120 dias para receber pelo produto entregue, enquanto os produtores convencionais transacionam seus lotes em espécie.

Em 2005, surgem os primeiros lotes comerciais de amêndoas orgânicas. O interesse pelo produto voltou a mobilizar os produtores que, com apoio financeiro de organização não governamental, instituto de fomento alemão e da CEPLAC (apoio técnico e instalações), retomaram o movimento cooperativista na região. Seis novas cooperativas foram criadas pelos cacauicultores, dispersos por cinturão com raio de 400 km ao redor de Altamira. Inicialmente, as empresas estruturaram-se com dois objetivos: a) de melhorar a qualidade do produto e b) aprimorar sua comercialização.

Criadas as cooperativas singulares, estruturou-se a central¹¹, que gerencia os negócios em forma de rede. Ademais, foi contratada empresa certificadora responsável pela emissão dos laudos atestando a adoção de sistema orgânico

¹¹Ainda não legalmente constituída e sem documento que garanta a cessão do armazém pertencente à CEPLAC (maior risco operacional no momento). A empresa deve ser formalizada até o final de 2013 com a denominação de Central das Cooperativas de Produção Orgânica da Transamazônica Xingu (CEPOTX).

nas lavouras¹². Duas delas agregaram à certificação orgânica também a de comércio justo. Desde então, a procura pelas amêndoas desse tipo se incrementou tanto por empresas nacionais, como Natura, Indústria Brasileira do Cacau (IBC), quanto internacionais, Zotter - chocolateira austríaca aderente ao mercado *fair trade*. Com o passar dos anos houve a necessidade de contratação de gerente comercial¹³ que, atualmente, possui grande *expertise* nesse negócio.

As cooperativas singulares contam com 105 associados, sendo 96 deles certificados (orgânico, *fair trade* ou ambos¹⁴). A produção obtida em mais de 1.100 hectares de lavouras alcança 800 toneladas de amêndoas, porém, apenas 25% dessa quantidade é comercializada por meio da Central. Em 2013, a amêndoa orgânica certificada negociada junto a cliente europeu recebeu €3,52/kg¹⁵, valor quase o triplo do preço recebido pelos cacauicultores (FERREIRA, 2013).

Os líderes cooperativistas singulares promovem reuniões mensais na Central. Por decisão desse coletivo, a rede se estrutura em torno de: a) fortalecimento do cooperativismo; b) apoio à certificação orgânica e *fair trade* das propriedades; c) investimento em assistência técnica; e d) estímulo à comercialização conjunta e direta. Desses objetivos, aparentemente, a consolidação de pacote tecnológico que alicerce a produção orgânica nas condições de produção vigentes na Amazônia (sob a incidência da vassoura de bruxa e de infinidade de outras doenças e pragas secundárias que acometem o cacauieiro) persiste como maior desafio da pesquisa e extensão.

¹²O Instituto Mercado Ecológico (IMO Control Brasil) recebe R\$20 mil como pagamento pelas auditorias anuais. O certificado emitido possui aceitação nos Estados Unidos e na União Europeia.

¹³Somam quatro os funcionários ocupados na Central das Cooperativas.

¹⁴Nos últimos anos, estruturaram-se empresas certificadoras de boas práticas agrícolas, sendo as especializadas no manejo orgânico das mais aceitas tanto por consumidores nacionais como internacionais. As razões dessa aceitação relacionam-se com os rígidos protocolos verificados quando da certificação. No caso do *fair trade*, procura-se atestar que não existem práticas comerciais lesivas ao longo da cadeia de comercialização.

¹⁵Conversão efetuada utilizando R\$3,28/€.

Por não estar legalmente constituída, as transações comerciais efetuadas pela Central ainda utilizam o talonário das singulares. A margem necessária para sustentar sua operação central advém da incidência de R\$0,02/kg comercializado, de subsídios da CEPLAC (faturas de prestadores de serviços), da ONG Fundação Viver, Produzir e Preservar (FVPP) e de prêmio concedido pela Natura pelas amêndoas orgânicas entregues à companhia (R\$0,15/kg). A institucionalização da Central com a amortização de seus custos e o exercício de seu papel na centralização da comercialização das singulares serão aspectos determinantes na perenização da rede constituída.

A estratégia comercial da Central prevê o incremento da comercialização junto à firma especializada no processamento de amêndoa orgânica, orientando-se pela agregação de valor ao produto. Ademais, para ampliar a absorção das amêndoas certificadas produzidas pelos cooperados, prevê-se a atuação no mercado de manteiga de cacau (instalação de unidade esmagadora própria) e comercialização do produto nas empresas de cosméticos. Concomitantemente, a Central pretende estabelecer parcerias com organizações pautadas por: a) oferta de treinamentos, visando a capacitação de gestores de cooperativas; b) melhorar o manejo da fermentação das amêndoas; c) criar mecanismos de premiação para qualidade do produto (intrínseca derivada da correta fermentação ou decorrente da certificação/rastreabilidade do produto); d) ampliar o número de sócios e de propriedades/lavouras certificadas.

A necessidade de produzir alternativas para a comercialização capazes de prescindir do sistema de repassadores e de intermediários não desaparece da pauta de metas dos cacauicultores mesmo após a reestruturação de cooperativas singulares. Assim, cerca de 40 produtores familiares que verticalizaram sua produção, desenhando empresa coletiva, internalizaram a etapa da produção e distribuição do chocolate¹⁶.

Criada a Cooperativa Agroindustrial da

Trasamazônica (COOPATRANS), seus dirigentes foram imediatamente apoiados pelo Governo do Estado, que repassou recursos a fundo perdido, recolhidos por meio da constituição de caixa específica para esse fim (alíquota no ICMS incidente na comercialização da amêndoa). Estímulo financeiro motivou os cooperados a estruturar sua empresa no sentido de agregar o máximo de valor ao produto (captação de R\$2 milhões). Assim, decidiram-se por implantar fábrica de chocolates *gourmet*¹⁷ e rede de lojas de varejo própria do produto.

A agroindústria de processamento de amêndoas possui capacidade para receber 150 kg/dia, porém, opera atualmente com média diária de apenas 50 kg/dia, suficiente para o fabrico de 100 kg de chocolates¹⁸, revelando que é elevada sua ociosidade. Tal fato decorre em parte da falta de alguns equipamentos no *layout* da planta de processamento, mas o principal problema é a insuficiência na produção de amêndoas fermentadas com qualidade para a produção de chocolates finos. Nessa planta não se produz chocolate sem que ao menos 70% das amêndoas sejam fermentadas. A limitada entrega de amêndoas fermentadas para processamento obriga a aquisição de produto oriundo de terceiros, desde que provenientes de produção orgânica/sustentável.

Segmentada linha de produtos compõe o cardápio de itens fabricados na agroindústria cooperativa. O fato de atuar com produtores familiares que praticam a produção cacaueteira sustentável/orgânica na Amazônia tem obtido boa receptividade. Esse diferencial torna o produto bastante atraente aos apreciadores de chocolates.

Escassez de capital de giro é problema na cooperativa¹⁹. Há ainda carência de instalações, de equipamentos/máquinas, de insumos estratégicos (lotes menores para as embalagens,

¹⁷O ponto de fusão da manteiga de cacau produzida pela amêndoa paraense é outro grande diferencial do chocolate produzido pela agroindústria cooperativa. O denominado chocolate *gourmet* consiste em produto confeccionado com pelo menos 55% de derivados da amêndoa.

¹⁸Considerando composição de 50% de cacau na massa.

¹⁹Na época do levantamento, cooperativa pagava R\$7,00/kg pela amêndoa fermentada, valor bem acima daquele praticado pelo mercado local.

¹⁶A imagem do êxito da indústria chocolateira de Gramado, Estado do Rio Grande do Sul, foi paradigmática no estímulo a essa organização.

por exemplo) e de mão de obra capacitada, que têm sido os principais obstáculos para a expansão da agroindústria.

Outros agentes não vinculados diretamente ao comércio da amêndoa colaboram para a funcionalidade dessa cadeia. Prefeituras municipais (responsáveis pela manutenção dos acessos), Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, com a captação de recursos para apoio à melhoria das condições de vida dos agricultores familiares, e as diversas denominações religiosas com ações de ajuda mútua, especialmente, aos mais necessitados, são aqueles de maior destaque.

Sendo a cacauicultura a lavoura mais dinâmica da região, constata-se a estruturação, em torno dessa atividade, de arranjo produtivo local (APL). Sua plenitude ainda dependerá da incorporação de agroindústria processadora de grande porte²⁰.

Todavia, não basta a participação de todos os agentes da cadeia para a caracterização do APL. Sua consolidação dependerá de progressos formais na partição mais equilibrada do valor realizado nessa cadeia de negócios. Atualmente, os elos situados pós-porteira beneficiam-se mais dos avanços técnico-econômicos da lavoura ocorridos na região. O conflito distributivo existente estancará o ritmo de expansão da cacauicultura no cinturão sudoeste paraense, deixando de beneficiar o conjunto dos agentes econômicos envolvidos com a atividade e a sociedade brasileira como um todo²¹. Cacauicultores desestimulados não incrementarão, por meio do emprego de técnicas de manejo agrônomo, a produtividade da terra e do trabalho empregados na lavoura, enquanto a partição do valor os penalizar. Repassadores e intermediários não crescerão em escala como potencialmente poderiam, assim como as agroindústrias de esmagamento permanecerão dependentes das importações para completarem a capacidade instalada de processamento.

²⁰O salto dos 50 kg/dia para 150 kg/dia da COOPATRANS no processamento de amêndoa mantém a unidade como micro/pequena agroindústria face à escala operacional em que atuam seus concorrentes. Ademais, encontravam-se avançadas as tratativas com o governo do estado para obtenção de crédito que permitisse a ampliação da capacidade instalada.

²¹As autoridades do Estado reconhecem que a meta estabelecida em 2011, de alcançar os 220.000 hectares de lavouras em 2019, não será mais alcançada (FERREIRA, 2013).

5 - REESTRUTURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA AMÊNDOA DE CACAU NA TRANSAMAZÔNICA PARAENSE: algumas oportunidades

De modo geral, a estrutura técnica de apoio ao cacauicultor é suficiente para orientá-los no aprimoramento do manejo das lavouras e, ainda, estabelecer novas rotinas para o pós-colheita. Mais que o incremento da produtividade, a melhoria da reputação da amêndoa paraense consiste no principal desafio da produção a ser superado. Entretanto, a indução dessa estratégia precisa ser acompanhada pela criação de alternativas para o escoamento, pois ao contrário, corre-se o risco de ampliar a captura de rendas extraordinárias dos elos a jusante da produção.

Embora ainda representem nichos, as produções sustentável, orgânica e cabruca²² podem se arvorar enquanto alternativas de produção e comercialização mais equilibradas (ambientalmente sustentáveis e comercialmente justas). A institucionalidade, se bem gerenciada, poderá amparar tal iniciativa, oferecendo condições comerciais menos desiguais aos seus membros. Nas cooperativas a temática da qualidade ganha maior ênfase, carreando aos cacauicultores no incremento inclusive da própria autoestima, enquanto no mercado de amêndoas classificadas como refugio prevalece e continuará prevalecendo a subserviência dos cacauicultores à lógica concorrencial/mercantil que os penaliza.

O período de entressafra do cacau pode contemplar a exploração de outros produtos, como a extração do açaí. O conhecimento agrônomo pode indicar aqueles mais adaptados para o inverno amazônico e que tenham demanda firme. Quanto às criações, é preciso estimular a pecuária leiteira, pois é expressivo o número de crianças nos imóveis e que nesse alimento encontram a principal fonte de cálcio (entre outros nutrientes importantes) para o crescimento saudável²³.

²²O sistema de produção denominado de cabruca consiste na implantação da lavoura sob sombreamento de floresta primária ligeiramente desbastada para maior incidência de luminosidade sobre as plantas introduzidas.

²³Isso quando a família já se habituou ao óleo vegetal na cocção dos alimentos. Naqueles em que a banha é a gordura preferida, a criação de suínos torna-se indispensável.

Robustecer a cacauicultura paraense demandará competências não diretamente relacionadas à lavoura. Capacitar jovens lideranças na condução do movimento cooperativista e formar agentes de comercialização constituem-se em desafio dos mais urgentes. Concomitantemente, recuperar a reputação em torno dos atributos intrínsecos dessa amêndoa, como ser proveniente de agricultura familiar submetida a manejo sustentável em ambiente amazônico, pode ser chave para o acesso aos mercados que mais valorizam esse produto.

Considerando a complexidade e diversidade de fatores determinantes para o estabelecimento de trajetórias bem sucedidas na orientação do desenvolvimento rural, convém segmentar a análise em distintas dimensões para em seguida promover a síntese que reconstitua a totalidade do real. Assim, optou-se por segmentar as oportunidades vislumbradas nas seguintes dimensões: a) técnica-agronômica; b) coordenação socioeconômica; c) ambiental; e d) outras. Paralelamente, numa perspectiva de ajuste fino, foram delineadas recomendações para os diferentes perfis de cacauicultores, buscando com isso maior aderência e eficácia das ações propugnadas. Portanto, compõem essas recomendações dois conjuntos de abordagem: a) geral (análise dimensional) e b) específica (orientada aos perfis metodologicamente construídos).

Na dimensão técnica-agronômica são, em síntese, três os fundamentos que potencialmente podem determinar a melhoria das condições de bem estar das famílias, transitando todos eles pelo incremento das produtividades da terra, do trabalho ou do capital empregado (máquinas e equipamentos).

Incrementar a produtividade da terra consiste em estratégia das mais decisivas para o conjunto dos produtores. Tendo a lavoura cacau-eira como eixo das intervenções, recomenda-se aprimorar a maneira como essa cultura vem sendo conduzida desde sua formação e ao longo de fase produtiva²⁴. A atual orientação de distribuição gratuita das sementes para que cada agricultor forme suas mudas deveria ser superada por outra que permitisse o avanço da produtividade, especializando essa etapa pela interveniência do

viveirista²⁵. Nas visitas de campo se constatou que os cacauicultores não possuem estandes uniformes, prejudicando a produtividade obtida. Ao receber mudas bem formadas e sendo acompanhadas na locação da lavoura (combinando linhas de cultivares que favoreçam a polinização cruzada e elevem a produção), os resultados se potencializarão²⁶. Ademais, cria-se frente de atuação constituída pela profissionalização de jovens agricultores (preferencialmente) na ocupação de viveiristas, com a vantagem que essas unidades podem também produzir essências necessárias na recomposição ambiental das glebas, mitigando a restrição por insuficiência de cobertura vegetal na adesão aos programas oficiais de estímulo à agricultura familiar.

Componente crucial no êxito econômico de explorações agrícolas constituídas por cultivos perenes está depositado na carga genética das sementes e na qualidade das mudas delas desenvolvidas. Eliminar os riscos de que tais vantagens não se expressem é passo decisivo inclusive nas demais dimensões.

Para o caso das áreas de cacau em produção, é necessário a recomposição dos estandes para o patamar recomendado de população de plantas (1.100 pl./ha). A adoção da tecnologia de substituição de copa (enxertia) e o adensamento do estande podem ser recomendados. Assim, surge a ocupação de enxertador que, como o viveirista, poderia ser selecionado dentre os jovens agricultores oriundos de produtores familiares.

A formação de novos estandes com lavoura de cacau deveria se orientar pela substituição daquelas áreas que a recuperação da produção com incremento da produtividade não mais se justifiquem. A evolução do material genético recomendaria a substituição inclusive daquelas plantas/talhões que exibem satisfatório patamar produtivo, pois os recentes materiais foram concebidos para tolerar a incidência de pragas e doenças, incrementando a sustentabilidade eco-

²⁵ A premissa econômica em que se fundamenta essa hipótese assenta-se na visão de que sem a especialização do trabalho compromete-se a eficiência produtiva, com perda de competitividade sistêmica do processo produtivo.

²⁶ Esse paradigma também se encontrava consolidado na cultura da cana-de-açúcar, mas estudos recentes e experimentações empíricas apontam que são inúmeros os benefícios da substituição do tolete pela muda em tubete na formação dos canaviais.

²⁴ Não se trata de propugnar rupturas com os atuais pacotes tecnológicos para a cacauicultura, preconizado pela CEPLAC, que abrange todas as fases do ciclo de vida da lavoura.

nômica e ambiental da exploração.

O empenho da extensão rural focalizado na capacitação e investimentos que promovam a melhoria da qualidade do produto é inescapável. A cacauicultura paraense carece de revolução nos métodos de pós-colheita, lembrando que o êxito de tal iniciativa demanda rompimento com a maneira estabelecida de transacionar amêndoa sedimentada na região. A concorrência intercapitalista pelas amêndoas estimula conduta dos produtores contrária a seus interesses e aos interesses do desenvolvimento rural regional. Pós-colheita aprimorada, com resultado econômico substancial, somente se concretizará migrando-se a comercialização para junto das nascentes cooperativas.

Pertence à racionalidade dos agricultores familiares conduzirem sistemas de cultivo combinando gêneros de subsistência associados a de criações. Ganho de produtividade nas lavouras abriria janelas no calendário de trabalho capazes de absorver outras atividades produtivas. Fortalecer subsistemas produtivos (cultivo e criação), orientados à subsistência, tem, potencialmente, a capacidade de conferir aos agricultores maior tenacidade econômica quando por ocasião dos ciclos de baixa nas cotações da amêndoa. A abundância de gêneros alimentícios obtidos dentro da propriedade representa consolidação da família na gleba e rompimento da lógica de reprodução da pobreza com início de trajetória de capitalização.

O treinamento dos cacauicultores seguido de visitas técnicas em áreas que praticam os ensinamentos transmitidos incrementa o ritmo de adoção das novas técnicas. Famílias com menor número de membros aptos ao trabalho no campo somente encontrarão oportunidades de capitalizar mediante o fortalecimento da pecuária com expansão do número de cabeças manejadas. Por absorver, proporcionalmente, menor quantidade de dias-homem, é a atividade mais bem talhada para aqueles com menor disponibilidade de força de trabalho. Ainda que a pecuária extensiva não goze de bom conceito entre ambientalistas, sendo conduzida dentro do quadro normativo, deveria ser fortalecida.

Constatou-se relativa tradição de empreender tarefas por meio da organização de mutirões e trocas de dias. Esse tipo de articulação informal pode ser aproveitado pela extensão,

visando à formação de rede de ajuda mútua, necessária em ocorrências imprevistas (doença do chefe de família, por exemplo), facilitando ainda a troca de experiências (em contexto amplo) entre os produtores.

Coordenar cadeias produtivas exigirá esforço adicional da extensão, que passa a ganhar outros contornos. Trata-se aqui de estimular a estruturação de organizações sociais formais (associações e cooperativas) e paralelamente estimular a capacitação (técnica e comercial) de lideranças (produtores) comprometidas com as demandas da agricultura de tipo familiar. Participando de cooperativas de produção, ao contrário, são criados novos mecanismos comerciais pautados pelo avanço na cadeia de valor, aspecto indispensável na expectativa de emancipação econômica.

Cooperativas exigem patamares de institucionalização não habituais nas rotinas dos produtores (abertura de CNPJ, auditorias, contabilidade externa, folha de pagamento, planejamento estratégico, etc.). O papel dos técnicos da extensão, portadores de conhecimento técnicos sobre tais temáticas, será o de facilitar esses processos, recorrendo a outras instâncias, como SEBRAE e Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. As atuais cooperativas ainda carecem de estrutura que lhes permitam atuar em consonância com suas competências (transações comerciais de compra e venda, orientação técnica e rastreabilidade/certificação).

Deslocar o foco das técnicas de produção em favor de visão que permeie todo o complexo de atividades que constitui a cadeia produtiva é o desafio estabelecido para a extensão. Não terá qualquer serventia incrementar as produtividades sem que se construam negócios em que todas as partes envolvidas beneficiem-se das transações.

As características intrínsecas da amêndoa paraense poderiam ser mais bem exploradas entre os compradores. O apelo comercial coincide com o desejo dos consumidores, bastando para fechar esse circuito a intermediação de empresa certificadora que acredite tais atributos.

Acessar ao crédito para implantação de projetos tecnicamente bem desenhados constitui-se na maneira mais rápida de estabelecer trajetórias de capitalização entre os cacauicultores. Todavia, tal possibilidade está distante pela ca-

rência de bons projetos.

A integração da lavoura cacauceira e os demais cultivos com as criações, especialmente a de gado bovino, consistem em procedimento de maior urgência. Atualmente, não existe transferência de fertilidade entre os sistemas produtivos. Aproveitando a estratégia de renovação das lavouras, elas podem ser posicionadas em locais próximos ao curral e, com alteração na rotina de manejo dos animais, é possível compostar as cascas do cacau, retornando-as para a lavoura. Maior integração entre as atividades eleva suas produtividades sem incremento da demanda por insumos externos.

A construção de estufas para a secagem das amêndoas permite melhor aproveitamento da energia solar com repercussões na qualidade final do produto. Adicionalmente, diminui a demanda de mão de obra nessa etapa uma vez que não se interrompe a secagem mesmo sob dias nublados e/ou chuvosos.

A recomposição florestal de áreas desmatadas e a introdução de essências nas lavouras (arborização) facilitarão a obtenção de certificados para os produtos. Além de fortalecer a capacidade de sequestro de carbono da cacauicultura, empresas representantes de selos de produção orgânica e *fair trade*, atuantes na região, exibem esse tipo de exigência em seus protocolos de certificação. Tendo em conta que o afastamento dos fluxos comerciais dominantes é questão *sine qua non* para o estabelecimento de trajetória de capitalização. Assim, inseri-los nesses sistemas comerciais alternativos acelerará o alcance dessa meta.

Manejar tecnicamente as áreas de extrativismo do açaí, traçando estratégias integradas desde a coleta (minimizando os riscos de acidentes) até a comercialização é orientação que pode ser implementada. Componente básico da alimentação da população, a exploração desse recurso natural depende da organização das linhas de coleta, para que essa fonte de receita colabore no amparo das necessidades familiares.

Na dimensão dos outros fatores, agregam-se aspectos vinculados à infraestrutura (vias de comunicação e de logística); maior igualdade na relação entre os gêneros; acesso à rede de proteção social (previdência, educação e saúde); preservação de variedades crioulas com feiras para troca de sementes; e banco de espécies fito-

terápicas. Tais ações fortalecem os laços comunitários, contribuindo na superação da postura de subserviência prevalecente entre os agricultores fragilizados.

Aquelas famílias percebidas como entre as mais fragilizadas necessitarão de acompanhamento por parte do grupo de extensionistas que beirá a tutela. Nas condições atuais, esse é o grupo mais numeroso de cacauicultores. Não se descarta inclusive a oferta de cestas básicas caso sejam constatadas condições de penúria. Ademais, será necessário investir pesadamente em capacitação e na metodologia de treino e visitas técnicas em áreas de demonstração, visando acelerar o aprendizado dos conteúdos. Essas ações podem ser compartilhadas com outros agentes de extensão como: CEPLAC, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do estado (EMATER), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), Cooperativas e Associações e Organizações não Governamentais (ONGs). Assim, fluência na interface com órgãos públicos e organizações sociais que atuam na região é postura estratégica.

Os cacauicultores mais capitalizados demandam apenas ajustes finos na condução dos sistemas produtivos, especialmente na pós-colheita e preparação de seu ingresso nas cooperativas, com processo de certificação em andamento. Devem-se focalizar ações de gestão da propriedade (controle de custos e de rentabilidade, por exemplo) e de coordenação, moldadas de tal modo que sejam plenamente inseridos nos circuitos de comercialização mais justos e que priorizem a qualidade do produto e do ambiente de onde provém a matéria-prima.

6 - CONCLUSÕES

O cinturão agrícola do sudoeste paraense, na última década, exhibe dinamismo para a cacauicultura, com crescente oferta de amêndoa. Essa expansão tomou-se viável graças às técnicas agronômicas desenvolvidas visando a convivência com doenças incidentes nessa lavoura, capazes de minimizar os prejuízos econômicos por elas ocasionados.

Entretanto, se há substancial avanço na oferta de amêndoa, não há, em contrapartida, modernização das práticas comerciais que orga-

nizam a formação dos preços praticados e a captura de possíveis margens de comercialização. Ademais, a precariedade das infraestruturas logística e financeira contribui para a criação de dependência entre repassadores e agricultores familiares, cabendo aos primeiros o papel de agente paraoficial de oferta de crédito e organizador das linhas de recolhimento da matéria-prima, cerceando o espaço para a concorrência de outros eventuais compradores (similar ao que ocorre com o leite).

A experiência passada dos cacauicultores em criar organizações sociais de apoio à produção e comercialização, como associações e cooperativas, deixa-os reféns da atividade dos repassadores. Ainda que timidamente, esse legado vem sendo revertido com a constituição de empresas coletivas capazes de revalorizar a produção regional, inclusive aventurando-se na exportação direta para mercados rotulados com selo de comércio justo. A agroindústria cooperativa chocolateira vai adiante ao introduzir naquela região (Transamazônica) a possibilidade de a população regional apreciar os produtos da chocolateria *gourmet*.

Sem ainda contar com estrutura de esmagamento, a cadeia produtiva do cacau do sudoeste paraense permanecerá vinculada à do sul da Bahia e de São Paulo, destino final das amêndoas colhidas em seu território. A constituição de empreendimento dessa natureza pertence ao planejamento de médio prazo das autoridades públicas para o desenvolvimento pleno desse negócio. Porém, ao persistirem os entraves logísticos (infraestrutura viária, abastecimento energético), associados à revisão na tributação prevalecente, dificilmente a implantação de esmagadora ocorrerá.

As instituições de pesquisa e extensão rural, universidades, prefeituras e sindicatos de trabalhadores rurais constituem a institucionalidade palpável na região. Conforme a análise progressiva, existindo sintonia fina entre essas institucionalidades, seria possível promover salto na produtividade dos fatores (terra e trabalho principalmente, já que o estoque de capital é bastante modesto na média dos estabelecimentos), o que pode conduzir ao fortalecimento da cacauicultura regional e das famílias que possuem nessa atividade sua principal fonte de renda.

LITERATURA CITADA

BRONZO, M.; HONÓRIO, L. O institucionalismo e a abordagem das interações estratégicas da firma. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 4, n. 1, 12 p., jan./jun. 2005.

FALESI, I. C. **O estado atual dos conhecimentos sobre os solos da Amazônia brasileira**. Belém: IPEAN, 1972. p. 17-67. (IPEAN. Boletim Técnico, 54).

FARINA, E. M. M. Q. Organização industrial no agribusiness. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.

FERREIRA, C. Produção de cacau no Pará em ritmo de consolidação. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, 24 jun. 2013.

GONÇALVES, J. S. **Mudar para manter: pseudomorfoses da agricultura brasileira**. São Paulo: CPSA/SAA, 1999. 373 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 2013.

_____. **Levantamento sistemático da produção agrícola (LSPA)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

_____. **Pesquisa agrícola municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 2013.

LIMA SILVA, J. P. et al. Mercado e concentração espacial da cultura do cacau no Estado do Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 51., 2013, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: SOBER, 2013. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/?op=paginas&tipo=secao&secao=7&pagina=7>>. Acesso em: 2013.

MARGARIDO, M. A.; GHILARDI, A. A.; OLIVEIRA, A. L. R. Análise sobre mecanismos de transmissão de preços nos mercados de laranja. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 6, n. 4, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=12123>>. Acesso em: 2013.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA. **Estatísticas do comércio exterior**. Brasília: MAPA. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/internacional/indicadores-e-estatisticas/balanca-comercial>>. Acesso em: 2014.

NELSON, R.; WINTER, S. **An evolutionary theory of economic change**. Cambridge: Belknap Press, 1982.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DA CACAUCULTURA NO ESTADO DO PARÁ - CEPLAC. **Comissão executiva da lavoura cacauera**. Pará: CEPLAC/Secretaria da Agricultura, 2011. 4 p.

SILVA NETO, P. J. da et al. **Sistema de produção de cacau para a Amazônia brasileira**. Belém: CEPLAC, 2001. 125 p.

SOUZA FILHO, H. M.; GUANZIROLI, C. E.; BUAINAIN, A. M. **Metodologia para estudo de mercado em sistemas agrindustriais**. Brasília: IICA, 2008. 50 p.

SOUZA, J. P.; PEREIRA, L. B. Elementos básicos para estudo de cadeias produtivas: tratamento teórico-analítico. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 13., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: SIMPED, nov. 2006. 12 p.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e gestão de negócios agroindustriais**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA CADEIA DE PRODUÇÃO DA AMÊNDOA DO CACAU NO EIXO PARAENSE DA TRANSAMAZÔNICA

RESUMO: *Este estudo propôs-se a mapear a estrutura técnico-produtiva da cacauicultura no sudoeste paraense, com vistas à formulação de projeto de assistência técnica e de extensão rural para os produtores familiares atuantes nessa lavoura. Por meio de questionário semiestruturado, foram entrevistados: pesquisador - técnico da Comissão Executiva da Lavoura Cacauera (CEPLAC), professor universitário, cacauicultores, sindicalista, intermediários (de primeiro e segundo grau), lideranças cooperativistas e representantes de multinacionais da indústria chocolateira. Mediante o conteúdo dessas interlocuções, traçou-se quadro de referência da dinâmica da cacauicultura regional, base para a elaboração e hierarquização das ações a serem desenvolvidas por equipe de técnicos alocadas nesse projeto. O resultado do esforço de pesquisa consiste, portanto, em leque de ações de caráter técnico-agronômico, comerciais e organizacionais, que permitam o engedramento de trajetória sustentável de capitalização dos cacauicultores dessa região. O potencial da cacauicultura do sudoeste paraense tem amplas possibilidades de expansão, requerendo para tanto o fortalecimento de estruturas de apoio à produção e maior sintonia entre os representantes das institucionalidades existentes.*

Palavras-chave: *cacauicultura, cadeia produtiva da amêndoa de cacau, Amazônia.*

**SOCIO-ECONOMIC ASPECTS OF THE COCOA BEAN SUPPLY CHAIN ON
PARÁ STATE'S AXIS OF THE TRANSAMAZON HIGHWAY, BRAZIL**

ABSTRACT: *This study aims to map the technical and productive structure of cocoa cultivation in Southwestern Pará state, in order to create a project for technical assistance project and rural extension for family growers involved with this crop. For data collection, a semi-structured interview questionnaire was applied to a researcher - technician from the Executive Commission for Cocoa Crop Planning (CEPLAC), a university professor, cocoa growers, a trade unionist, intermediaries (of first and second degree), cooperative leaders and representatives of the multinational chocolate industry. Through the contents of those interlocutions, a reference frame was established for the dynamics of this region's cocoa culture, serving as a basis for the elaboration and hierarchization of actions to be carried out by the technical staff allocated to this project. The result of the research effort is, therefore, the technical-agronomic, organizational and commercial actions that will charter a sustainable path to capitalizing cocoa farmers in this region. The potential of cocoa culture in Southwestern Pará has ample scope for expansion, requiring to that end the strengthening of structures to support the production and harmonization between the representatives of the institutionalities established.*

Key-words: *cocoa culture, cocoa almond supply chain, Amazon.*

Recebido em 13/03/2014. Liberado para publicação em 07/10/2014.